

Resenha

ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha (coord.); BONVIN, François; RODRIGUES, Cecília Carmem Pontes; REZENDE, Oscarlina Maltese. *Desemprego, ruptura familiar e solidão: trajetória de vida da população em situação de rua em São Paulo*. São Paulo. Editora Anna-blume, 2014, 144 p.

Franklin Larrubia Valverde*
Marília Gomes Ghizzi Godoy**

Compreende-se o mundo de exclusão vivido por moradores de rua considerados uma “população em situação de risco”, “população em situação de rua”. A natureza sócio antropológica do estudo compromete-se reflexiva e criticamente com o sentido de pobreza derivado da categoria assistido, ancorado nos estudos de grupos sociais seguindo Serge Paugin, Pierre Bourdieu. As formas contemporâneas da miséria social são expressas nas crises e sofrimentos de um segmento silencioso no meio acadêmico e cultural. Na equipe dos autores merece destaque a presença do Prof. Dr. François Bonvin, pelo domínio e convencimento sobre o tema, na tradição sociológica francesa. Sobretudo, representa-se algo que o absorveu, subjetivamente, antes de ter sido arrebatado do nosso convívio, há três anos.

O “outro”, aquele que se origina naturalizado no quadro simbólico de verdades preconceituadas é o mesmo que se revela para que a dinâmica da passagem, o estádio no albergue, seja o trampolim para um novo amanhecer, o desejo ser, “não mais morar na rua”. O espaço social de transitoriedade está simbolizado

intrínseca e espontaneamente pelo status na violenta realidade urbana: o Albergue, a Casa de Acolhimento.

Uma metodologia projeta-se de forma a modelar a obra, inseri-la no contexto de uma tradição científica como resultado de uma pesquisa científica realizada por uma equipe de pesquisadores do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (2009).

Considerou-se: revisão bibliográfica do tema (Cap. 1), uma elaboração representativa de dados qualitativos e quantitativos sobre os Centros de Acolhimentos e os depoimentos orais dos coordenadores (Cap. 2), trajetórias e depoimentos do albergados (Cap. 3 e 4).

A partir do ano 2000 visualizam-se estudos voltados para populações de rua encaradas como um segmento social em situação limite de carência e pobreza. A noção de risco social pode substituir os antigos relatos de dor, agonia e sofrimento. Direcionou-se a acentuar dinâmicas centrais que marcam as trajetórias de vida, vínculos afetivos, relações familiares, a presença do crack e do álcool comprometidos na saúde física dos despossuídos. Por meio do efetivo exercício da cida-

* Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo. Doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda na Estácio/UniRadial. E-mail: ondalatina.1@gmail.com

** Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP. Professora do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro/UNISA. E-mail: mg-godoy@yahoo.com.br

dania, direitos sociais e a dificuldade em reverter a situação de exclusão surgem os moradores das chamadas “franjas do município”.

Caracterizados como de origem privada (comercial), religiosa (católico, espírita e evangélica) e pública os mecanismos de assistência social consolidaram-se com a lei nº 12316/97. Os serviços de acolhimento que se inserem na SMADS (Secretaria Municipal de Apoio ao desenvolvimento Social) ordenam iniciativas públicas em parceria com as ONGs. Na consolidação de gestão e segurança com relação à população de rua, derivada da lei nº 12316/97, anuncia-se: “garantir os padrões éticos de dignidade e não violência na concretização dos mínimos sociais”.

Diante do crescente índice de moradores de rua, 14.478 em 2011 (53% em centros de acolhida) e sua maior concentração na sub-região central encaminham-se informações sobre os serviços institucionais compreendidos na SMAS, os Centros de Acolhimento conveniados com as prefeituras sob o controle dos CREAS. Apresentam-se dados, fotos, sobre os serviços, rotinas desses centros e as iniciativas marcadas por um caráter “missionário” vigente nos serviços de coordenação. As dinâmicas “viração do dia a dia” “não é só passar a noite” são revertidas pelas trajetórias de decadência e de acolhimento da população.

Vigora a concepção “porta de entrada” do sujeito e a sua dinâmica, progressivamente, no contexto das práticas assistenciais para a República e Hotel. Estas correspondem as “porta de saída” em direção a uma reintegração social e superação da condição “morar na rua”.

Percorre-se a ideia central de ruptura dos laços sociais em quatro estâncias da vida do indivíduo, seguindo os autores Schapper, Serge Paugan. Em função de fragilidades socioeconômicas e de solidariedade projetam-se a ruptura dos laços familiares, os de participação coletiva (famílias construídas), os de participação orgânica e os de cidadania.

No universo empírico, compreendendo uma população total de 5993 foram aplicados 382 questionários com 47 perguntas (abertas e fechadas). Mediante tratamento estatístico revelam-se dados que ganham um status de generalidade e confiabilidade.

No cenário emergente descobre-se uma população majoritariamente masculina, solteira (entre 30-50 anos), prioritariamente urbana, 56% originária de outros estados, 40% viveu até 15 anos no campo, 51% da população reside há mais de 10 anos em São Paulo, 26% aí chegou há menos de 1 ano (fluxo recente); baixa escolarização que se acentua nos mais idosos. Embora muitos não tenham filhos é presente o contato com os pais e irmãos. O principal motivo de não convivência com os filhos é pela separação (homens), pela vergonha, desalento, expulsão de casa (mulheres) e desemprego. Frente a proeminente perda de emprego em situação formal, a maioria recorda-se de sua antiga profissão e estabilidade.

A situação de desemprego (maior entre as mulheres) pode ser o primeiro passo para o consumo da bebida e droga. As atividades “profissionais” com baixa remuneração, geralmente informais, incidem no campo comercial ou de serviços com grande perda das qualificações anteriores. A falta de moradia representa um grau de ruptura social significativa.

A população masculina mais ligada à droga e bebida, com maior envolvimento com a polícia, é mais crítica entre os mais jovens (menores de 30 anos). Nas Casas de Acolhimento apenas as mulheres convivem com filhos. Os mais idosos tendem a permanecer mais tempo; não há destaques para ocorrência de doenças embora há considerável presença de comprometimentos psíquicos na população feminina. É predominante a religião evangélica entre os mais jovens.

Os sofrimentos e a solidão estão dramaticamente visibilizados nas trajetórias de vida. O fio condutor de exclusão, incertezas, emerge nos depoimentos pelas expressões de informalidades do mundo do trabalho

(“ocupado”/“ocasional”). A vida familiar, ainda que distante do mundo tradicional, também não ganha centralidade diante de tantas pressões e sob o escasseamento das representações das redes de solidariedade.

Finalmente, o último capítulo abre-se como uma chave de ouro: descobre-se o “outro”. Sempre o mesmo: fuga, exclusão, ruptura, a rua, o albergue, a família de origem, a família constituída. Porém, sempre original nas transcrições das histórias de vida: 20 histórias de vida (14 homens e 6 mulheres). Ricardo com 19 anos e Nelson com 22 retratam-se como personagens em que a miséria humana envolve os jovens.

“Considerações Finais”. Três páginas terminam o livro, sem acabar com as indagações sobre a original sobrevivência dos jovens, dos idosos diante da oportunidade e estabilidade visualizada nos Centros de Acolhida, “o privilégio de ter um alojamento”. Como um desfecho apoteótico lemos: “É preciso lembrar que para além de todas as explicações individualizantes a que se possa recorrer, a população de rua, mesmo gerida com toda a boa vontade que se possa reunir, constitui um espelho terrível das desigualdades socioeconômicas e desordens sociais engendradas pela sociedade moderna, contemporânea” (p. 137).